

AMORIM DE CARVALHO, MESTRE

Porto, 15 de Outubro de 2004

Mestre:

Não imagina com que emoção li a sua carta ao Sr. Camelito¹. Foi com grande alegria que nela descobri – com a intacta pureza da lenta deslocação de um glaciário que submerge para um dia voltar, de novo, à luz – o que de mais nobre alguém pode ter e faz toda a diferença entre o que apenas sabe muito e o Mestre: a humildade e bondade da doação, que elogia o melhor, se desculpa por corrigir, pacientemente sugere, ensina o concreto e enuncia a lei, guia e concede liberdade, bênção e júbilo de ser.

Quando digo Mestre, é nessa qualificação superior, já não adjectiva mas pura e plenamente substantiva, que penso e que, se aqui se verbaliza, pode manifestar-se em modos bem distintos, até no silêncio, sendo certo provir da dimensão mais funda e seguramente operar por osmose.

¹ Publicada em *Sr. Camelito (o gato) e a Versificação. Uma carta de Amorim de Carvalho a Maria Amélia Camossa Saldanha (a propósito do soneto “Desolação”)*, editada por João Borges com reprodução fac-similada e textos de José Dominguez Caparrós, Vera Vouga, Júlio Amorim de Carvalho e João Borges e desenho de Irene Vilar, integrada nas comemorações do 1.º centenário do nascimento do poeta e filósofo Amorim de Carvalho, Porto, Outubro de 2004.

Quando digo Mestre, seja em que plano for, penso em alguém que “ousa ser sábio”² “como uma chama unida à sua luz”³ e oferece à humanidade em turbulência “enfim a paz piedosa dum regaço”⁴. E esta qualização totalizante e superior foi a sua carta que na totalidade a desvendou.

No tempo em que os homens brincavam, isto é, no tempo em que os homens tinham tempo para brincar, ou ainda, no tempo em que não era fútil ou ridículo brincar com coisas inocentes, diria Schiller, no tempo em que os homens eram homens, uma sua prima, culta e espirituosa mas com certas lacunas na versificação, enviou-lhe um soneto assinado pelo seu gato Camelito⁵. Respondeu-lhe, na mesma onda lúdica, o seu primo, excedendo decerto tudo o que D.^a Maria Amélia teria imaginado: saber se o seu soneto “passava”, esperando, no máximo, reavê-lo primorosamente corrigido. Tudo isto, de facto, aconteceu, acrescido de uma mais-valia imensa: a carta, espécie de aula prática assumida, ensina e ensina a ensinar, dá e ensina a dar, desculpa e incita ao perdão, desenvolve-se alegremente e defende a alegria.

Mestre! Que bom sabê-lo Mestre, que bom sabê-lo assim! O que mais me doía em si, como em toda a gente zangada, era a vibração de zanga, mesmo que justíssima. A sua carta desassossejou a arrumação dos saberes que lhe reconhecia e autorizou-me a vê-lo de outra forma, a que, no fundo, sempre desejei, mas que, sem este texto desarmantemente límpido e despretensioso, apenas escapava pelas

² Friedrich Schiller, *Sobre a Educação Estética do Ser Humano numa Série de Cartas e Outros Textos*, tradução, introdução, comentário e glossário de Teresa Rodrigues Cadete; Lisboa, IN-CM, 1994, p. 45.

³ Amorim de Carvalho, *Elegia Heróica*, Porto, Prometeu, 1954, p. 12.

⁴ Id., *Obra Poética Escolhida*, vol. III, *A Comédia da Morte e Outros Poemas*, Lisboa, CLB, 1979, p. 24.

⁵ Cf. nota 1.

brechas de textos mais maciços, fundados em alicerces de erudição brilhante, original e honestíssima, mas onde o júbilo ou a paz mais raramente aconteciam.

Sei que não é preciso, mas terá a bondade de deixar-me explicar. Sem qualquer receio confesso que conheço a maior parte, mas não a totalidade, da sua obra. E que, da que mais li, reli e com afincos estudei – a saber, os volumes sobre Versificação e o Conhecimento Estético –, não domino em absoluto todos os dados, havendo peças que estão e estarão, ainda por muito tempo, sobre a mesa. O Mestre não se zanga, pois não? E sei que não me ralha. Pacientemente espera, e a sua espera é já aprovação e comunhão. Permita que eu seja sincera e lhe fale dos tempos que virão e, como brechas luminosas, a sua obra deixa entrever – vigias numa nave quase sempre vogando em bravo mar. Sim, é certo que o mestre sempre comprimiu “ao peito a Imensidade”⁶; mas, inserido na grande tradição ocidental, quase sempre patenteou um estado doloroso (oposto ao estado hedónico) onde a estratégia argumentativa, brilhantemente usada no discurso crítico e no discurso lírico, elevada a pontos muito altos, simultaneamente fornecia uma base sólida, de aparência inquestionável, e uma limitação duríssima, aparentemente inquebrantável, à relação vivida com a transcendência, sempre presa à incessante circularidade de um infinito e aspérrimo percurso horizontal. Um percurso onde clarões de luz se produziam prometendo “como o primeiro beijo azul dos sóis/ – o sonho em Deus dum cosmogonia”⁷. Cito *Elegia Heróica*: “Como que ainda ouvíamos o fundo/ eco da voz de Deus, jamais ouvida, descerrando a corola adormecida/ da flor do nada que continha o mundo”⁸; “Vivo de novo essa aventura incerta/ do rastro azul que fomos tu e eu/ e que tenho

⁶ Amorim de Carvalho, *Il Poverello*, Porto, Edições Claridade, 1939, p. 15.

⁷ *A Comédia da Morte...*, cit., p. 29.

⁸ Cit., p. 9.

a correr na mão aberta/ Como um grito correndo pelo céu”⁹; “Que ansiedades atávicas, sem calma/ em mim eu ouço, vindas através/ da loucura do *fiat* que fez// a noite luminosa da minh’alma?/ De que essência de nada nós caímos/ neste existir de formas e de mortes?/ Porque as razões do amor, que nós sentimos,/ não hão-de ser, de todas, as mais fortes?”¹⁰ O Mestre sabe, agora, e sempre intuiu que o eram. Já em *Paz* concluía “E por sobre o pó disperso/ em que os homens se consomem/ – só o Amor põe um destino/ na grande noite sem termo/ por onde caminha o Homem...”¹¹ Viveu num tempo que longamente acreditou que da discussão nascia a luz e persistentemente alimentou discussões e polémicas, especificamente diferentes mas angustiadamente idênticas, recorrentemente repetidas, mostrando honestidade, coragem, coerência, mas nunca abrindo para qualquer luz. Essa lógica argumentativa, justificada, ainda que limitativa no discurso teórico, ensaístico, Mestre, deste século¹² vê-se que limitou toda a poesia de pendor metafísico – de Milton a Victor Hugo, de Junqueiro a Pascoaes e a Amorim de Carvalho –, não permitindo que crescesse, se ateadada, a breve fórmula da concisa alegria, da iluminada visão de S. João da Cruz, da sábia e singela poesia-prece de Francisco de Assis. Obscurecendo os límpidos lampejos da Graça, recorrem sistemáticas imprecações a Deus – para as quais não surgirá qualquer resposta – que, em Amorim de Carvalho, se revestem de modo mais suave em “Mas há Deus?”¹³, “Porque há pecado na posse?”¹⁴, “Quem

⁹ *Ibidem*, p. 13.

¹⁰ *Ibidem*, pp. 22-23.

¹¹ Amorim de Carvalho, *Paz*, Porto, Edição do Autor, 1945, p. 31.

¹² Refiro-me, Mestre, ao século em que escrevo e acontece este concreto encontro anímico.

¹³ Id., *Obra Poética Escolhida*, vol. II, *A Erotiada e Outros Poemas*, Porto, Casa Amorim de Carvalho, 2004, p. 88.

¹⁴ *Ibidem*, p. 9.

me dera que Deus/ fosse ainda verdade”¹⁵. É o Mestre que escreve, num gesto de lucidez incomparável, sobre o seu percurso *na senda da poesia*¹⁶: “Eu tinha catorze anos quando escrevi um dia,/ Em antes de Edgar Poe, o Corvo e o publicava./ Eu digo assim porque eu ainda ignorava/ que ele já fora escrito e que Poe existia.// Eram uns versos maus de lúgubre poesia:/ enquanto que um coveiro a sepultura cava,/ na árvore alegremente um corvo crocitava/ numa voz feita já o canto da ironia.// Todos os meus poemas são sempre, aquele, sempre./ Quando acabas, coveiro, de abrir a sepultura/ e deixas de cantar, ó corvo, alegremente?...// Porque na árvore em sonho e azul da minha ânsia/ desde então sempre eu ouço a canção, que inda dura,/ do corvo que inventei num poema da infância!...”¹⁷

Globalmente, é verdade que os poetas dos séculos cessantes foram pássaros presos nas suas próprias asas, obscurecidos por um peso argumentativo imenso e polémicas mil, de onde jamais nasceu concórdia ou luz e onde claramente agora vemos – e, connosco, bem acima de nós, os Mestres – que se multiplicaram ressentimentos, hostilidades, ódios. Mas é também verdade que, num discurso transversal, iluminado, os mesmos poetas deixaram para os séculos vindouros pequenas sementeiras de fogo sagrado ou, como diria Santo Agostinho, “um celeiro para os anos que passam”¹⁸.

Mestre, que bom ter dito: “Mas o que fomos está sendo ainda”¹⁹! Que bom ter dito: “Ó pó!, a alma má que tu tiveste/ vai ter purificado recomeço?./ pra nova encarnação desfere o voo?...// Porque és pó, todo o mal que me fizeste,/ sem que eu to possa perdoar, esqueço,/

¹⁵ *Ibidem*, p. 86.

¹⁶ Empréstimo pedido a um título de Ruy Belo.

¹⁷ *A Erotiada...*, cit., p. 80.

¹⁸ *As Confissões*, tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, 10.^a ed., Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, p. 373.

¹⁹ *A Comédia da Morte...*, cit., p. 230.

ou, sem mais o esquecer, eu te perdoo!...”²⁰ Obrigada, também, por sorrir! Creio que se sorri desse fino fulgor retórico com que negou, por xadrez quiasmático, a totalidade do perdão absoluto. Agora sabe que perdoar e esquecer são a mesma coisa. Como terá como evidência que, encerrado o tempo histórico de certa mística dolorista que cita²¹, só o processo de reencarnação preenche plenamente a profunda e inexorável lei de causa/efeito, propondo modulações complexas e mais vastas ao princípio da identidade, onde a divina providência, intersecção constante de rigor e doçura, assegura as leis eternas, universais, justas e profundíssimas, que tornam quase inútil o princípio do terceiro excluído. E reintegram a percepção genial num grau alto e singelo da vibração (de ser e conhecer) do cosmos.

Toda ciência transcendendo: “Entrei-me adonde não soube/ e quedei-me não sabendo,/ toda ciência transcendendo.// Eu não sabia onde entrava,/ porém, quando ali me vi,/ sem saber adonde entrava,/ grandes coisas entendi:/ não direi o que senti,/ que me quedei não sabendo,/ toda ciência transcendendo.// De paz e de piedade/ era a ciência perfeita,/ em profunda soledade,/ entendida a via recta: era coisa tão secreta,/ a fala subvertendo,/ toda ciência transcendendo”²². Então ri-se outra vez? Pois também eu me rio! Agora, que é Mestre, não se pode zangar. Eu, Vera Vouga, confesso que citei S. João da Cruz numa tradução a que muito devemos mas que não é perfeita! Estava mesmo à espera que achasse esses dois versos (não posso dizer quais...) pouco perfeitos, porque realmente o são. Mas, por favor,

²⁰ *Ibidem*, p. 209.

²¹ Amorim de Carvalho, *De la Connaissance en Général à la Connaissance Esthétique. L'Esthétique de la Nature*, préface de Jean Cassou; Paris, Klincksieck, 1973, p. 289.

²² “Toda ciência transcendendo”, in *Poesia de 26 Séculos*, vol. I, *De Arquíloco a Calderón*, antologia, tradução, prefácio e notas de Jorge de Sena; Porto, Editorial Inova, 1971, p. 144.

trate este grande poeta, maltratado também pela inditosa pátria, como ao amigo Camelito: elogie e agradeça o que é bom, rejubile com a sua qualidade e melhore, por favor, dentro do seu coração, o que precise. Sim, sim, há outra tradução, bem mais recente²³. Claro que gostaríamos de ter também a sua! E, por falar em traduções, ainda deve a Francisco de Assis uma tradução fiel e rigorosa do “Cântico das Criaturas”. Que sensação me dá *Il Poverello*? De uma daquelas cosmogonias de que falámos, com momentos particularmente inspirados, “Leis sem fenómenos, latentes/ Formas esperando em vão teurgias que as formem”²⁴: “– Fui a primeira Nebulosa (...)/ – fui a primeira Fraga (...)/ – Fui o primeiro Homem (...)”²⁵. “E chamei minha irmã à rocha e à flor;/ tratei o verme escuro por irmão”²⁶ – “Ânsia de aproximar o que há disperso!/ Delírio de voar e de subir!/ Esforço de que se há-de definir/ O sentido mais amplo do universo”²⁷!

Acho sinceramente – e vejo que concorda – que o espírito franciscano, seu modelo claramente escolhido e, nos melhores momentos, assumido, se vê a braços com um excesso de expressão e de argumentação, ainda. O desígnio excede largamente o acto. Ver-se-á projectado, com felicidade, em felizes fragmentos de *De la Connaissance en Général à la Connaissance Esthétique*²⁸. Mas, antes de abordá-los, permita o Mestre que alguém a quem muito custou atingir o “regação da santa humildade”²⁹ nos desvende ou relembre o que caracteriza

²³ Sob o título “Coplas feitas sobre um êxtase de alta contemplação”, S. João da Cruz, *Cântico Espiritual e Outros Poemas*, tradução de José Bento; Lisboa, Assírio & Alvim, 1982, p. 57.

²⁴ Cit., p. 16.

²⁵ *Ibidem*, pp. 17-19.

²⁶ *Ibidem*, p. 53.

²⁷ *Ibidem*, p. 83.

²⁸ Cit. nota 20.

²⁹ *As Confissões*, cit., p. 138.

o “imenso palácio da memória”³⁰: “Lá se conservam (...) todas as sensações que entram isoladamente pela sua porta”³¹. “Também lá se encontra tudo o que não esqueci, aprendido nas artes liberais. Estes conhecimentos serão como que retirados num lugar mais íntimo, que não é lugar (...). As noções de literatura, de dialéctica, as diferentes questões e todos os conhecimentos que tenho a este respeito...”³². E declara: “Transporei, então, esta força da minha natureza, subindo por degraus até Àquele que me criou”³³. Diz agora Santo Agostinho: “Fixa o olhar onde desponta o amanhecer da Verdade”³⁴. “Fixa o olhar até compreenderes”³⁵. “Realiza as tuas obras na mansidão e serás amado por todos os homens”³⁶.

Ser Mestre é ter tocado o estado de sabedoria. De onde decorre sereno, límpido e universal perdão, mesmo aos que em tempos passados combatemos. Mestre, é preciso o perdão para o melhor de *Orpheu*. De mãos dadas com Prometeu, Jesus ou Buda, o globo Terra ou o espaço interplanetário, como sonhou. Cito: “Não podemos imaginar uma qualificação psíquica superior à subjectividade do «eu-sou» conhecente (...) mas podemos imaginar uma maior intensificação dessa subjectividade fora do nosso planeta, capaz de conhecer mais e melhor (...) porque mais liberta do orgânico”³⁷. A um “solipsismo, necessariamente-ateu”³⁸, pode contrapor-se a “situação positiva do hedonismo do homem no mundo, conhecendo o mundo para conhecê-lo como é, nos seus

³⁰ *Ibidem*, p. 249.

³¹ *Ibidem*, p. 248.

³² *Ibidem*, p. 250.

³³ *Ibidem*, p. 247.

³⁴ *Ibidem*, p. 316.

³⁵ *Goseigen. Revelação a SEI-O*, São Paulo, 1986, p. 74.

³⁶ *Eclesiástico*, III, 19, *As Confissões*, cit., p. 380.

³⁷ *De la Connaissance...*, cit., p. 58, tradução da minha responsabilidade.

³⁸ *Ibidem*, p. 91.

momentos gnosiológicos supremos de estado de graça³⁹. Continua o Mestre: “Se o homem (...) conseguir ultrapassar ontologicamente o *bem* e o *bom* utilitários que o ligavam onticamente às coisas, amará mais essas coisas, com uma alegria nova e diferente, como S. Francisco de Assis as amou, porque são elas mesmas e com ele, num mundo sem ameaças, sem inimizades, sem rivalidades, sem lutas, sem avisos, sem apelos à prudência⁴⁰. Isto traduz-se em nós “por uma presença feliz das formas (...) uma espécie de alegria de conhecer em comunhão⁴¹. “Na descrição bíblica da criação do mundo [sublinha ainda] o adjectivo *bom*, aplicável a tudo o que Deus fez e formou (“E Deus viu que isso era bom”) contém um sentido estetizante⁴²: “...tudo o que existe é belo; tudo o que é real, o que é não ser, é belo, pelo seu *quantum* de valor real, de valor de não-nada, se estamos desinibidos pelo prazer. Tudo é estetizável no nível ontológico, isto é, todo o real perceptível pode ser percebido no seu valor ontológico de realidade. Para S. Francisco de Assis, todos os seres são belos, amados, porque existem. Ele chama-lhes irmãos⁴³.”

E é como hipótese final que uma sobreexistência se desenha – como consciência total e permanente de si –, concluindo que, embora sem garantia lógica, a hipótese de Deus é “a última esperança entre o Real e o Nada⁴⁴.”

Mestre, dificilmente poderia ir mais longe numa Tese sobre o conhecimento no século XX. Obrigada. A sua Tese é bela, boa e feliz (como Caeiro, ou como diria Caeiro). Mas um Mestre não pára. É um devir em expansão. Trinta anos passaram sobre tudo isto, como sobre

³⁹ *Ibidem*, p. 296.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 296.

⁴¹ *Ibidem*, p. 297.

⁴² *Ibidem*, p. 298.

⁴³ *Ibidem*, p. 302.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 447.

o seu primeiro livro que li. Mudámos de século, a espiral do tempo acelerou. Crescemos, decerto, pelo menos, por dentro. Por isso me permito citar um daqueles tesouros que costume trazer nos bolsos. É de Almada-Negreiros: “Sonhei com um país onde todos chegavam a Mestres”⁴⁵. Tenho plena certeza de que verá que isto é bom.

260

Da cidade do Porto, nos inícios do sagrado século XXI, pedindo desculpa pelas imperfeições e ousadias, com imensa alegria e gratidão,

Vera Vouga

⁴⁵ *A Invenção do dia claro*, reedição fac-similada, Colares, Colares Editora, 1993, p. 12.